



A MULHER NA FAMÍLIA: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SOCIALIZAÇÃO EM BELÉM/PA

Kirla Korina dos Santos Anderson¹
Daniele Greice Lopes Igreja²

Apresentação

Neste trabalho, objetivamos identificar e interpretar a participação das mulheres no contexto da socialização entre famílias de camadas médias e populares na cidade de Belém, estado do Pará, atentando para como organizam o cotidiano familiar, no que diz respeito às regras de convivências (certo e errado, bem e mal). Em perspectiva antropológica, enfatizamos a percepção de tempo na família, traduzida, entre outras coisas, na forma de organizar as regras entre as gerações e a conciliação de tarefas que as mulheres têm que lançar mão no cotidiano.

Foram entrevistadas 12 mulheres de diferentes idades e posições na família. As entrevistas buscaram focalizar a composição e organização da família ao longo do tempo, considerando as pessoas que residem na casa, quais atividades desenvolvem e, principalmente, como interpretam suas relações dentro e fora de casa, seguindo o que Geertz (1989) disse ao se dar importância ao ponto de vista do nativo. Neste sentido, no primeiro item do artigo, apresentamos o perfil das interlocutoras e suas respectivas famílias; no segundo, nos detemos na interpretação dos significados presentes nas relações entre mães e filhos, destacando as estratégias e regras de convivência que ajudam a delimitar posicionamentos e expectativas na família.

1 Pesquisando entre mulheres

O grupo de interlocutoras é formado por profissionais de várias áreas, geralmente que passaram pela universidade. No que se refere a gostos e preferências, elas valorizam ambientes e/ou pequenas reuniões com a família e amigos próximos; passam as férias fora de Belém, em casa própria da família ou alugada, ou, se têm oportunidade (com relação à disponibilidade de tempo principalmente) viajam para outros estados a passeio. Essas pessoas também valorizam a necessidade de ficar e/ou fazer programas sozinhas.

Quadro 1: Composição dos Grupos Domésticos

¹ Doutoranda PPGCS/UFPA. kirla7@hotmail.com

² Mestranda PPGCS/UFPA. nani_ufpa@yahoo.com.br



<i>Nome</i> ³	<i>Idade</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão/ Ocupação</i>	<i>Nº de moradores na casa, incluindo a entrevistada</i>	<i>Relação com a entrevistada</i>
Andrea	29	Ensino superior completo	Socióloga	05	Mãe, pai, irmão, filho
Antonia	44	Ensino superior completo	Assistente Social	05	Marido, filhas
Carolina	30	Ensino superior completo	Terapeuta Ocupacional	07	Marido, filho, babá e demais parentes
Daniela	25	Ensino médio completo	Empregada Doméstica	08	Mãe, filho, irmãs, sobrinhos
Eliana	44	Ensino superior completo	Professora universitária	04	Companheiro, filhas
Laura	30	Ensino superior completo	Socióloga	04	Marido, filho, filha
Lorena	35	Ensino superior completo	Psicóloga	03	Marido, filha
Maiara	26	Ensino superior completo	Pedagoga	08	Mãe, pai, irmã, irmão, filha, prima, primo
Márcia	32	Ensino superior completo	Funcionária pública	05	Mãe, irmã, sobrinho, sobrinha
Raquel	79	Ensino médio completo	Técnica em radiologia aposentada	04	Filha, neto, neta
Rosinha	38	Ensino médio	Fiscal de transporte coletivo	03	Filhas
Sara	40	Ensino superior completo	Professora universitária	03	Marido e filho

Fonte: Pesquisa de campo, 2009 .

A composição doméstica apresenta uma disposição variada de parentes, mostrando configurações ou “arranjos” familiares que evidenciam uma diversidade relacionada à atualização de tais dinâmicas, como pudemos observar no quadro anterior. Observamos uma variedade de combinações, seja o casal com filhos, casal sem filhos, casal com filhos, netos e demais parentes morando na mesma casa, ou ainda uma família formada por mulheres e seus filhos, como no caso

³ Para preservar a identidade dos interlocutores, seus nomes foram trocados para exposição dos dados da pesquisa.



da família de Daniela.

Em se tratando de formas de famílias, há estudos referenciais sobre o tema no Brasil, que salientam a diversidade de suas configurações para além do modelo patriarcal ou nuclear. Corrêa (1994) traz dados para o debate, repensando a “família patriarcal brasileira”, título de seu referencial artigo, tendo como parâmetro os trabalhos de Freyre (1981 [1933]) e Cândido (1951). Ela diz que a família patriarcal, como tipo fixo para entendimento das formas de organização familiar, inspirou muitos trabalhos e ofuscou a possibilidade de vislumbrar outras configurações. Então, levanta a questão sobre se o modelo é apenas um ideal a ser alcançado ou corresponde à organização familiar real?

A proposta de Corrêa (1994) é relativizar a imagem da família patriarcal e sinalizar outras combinações que também formavam as dinâmicas familiares durante o período colonial e o império. Quer mostrar, com isso, além da diversidade, prováveis transformações ou atualizações no interior da família e que o conceito de família patriarcal comprime todas as outras à sua definição, sendo, então, utilizada como única fonte de referência quando se fala de família no Brasil.

Sobre essa questão, o caso da família de Carolina merece destaque. Ela mora com seis pessoas: o marido Valter de trinta anos, o filho Cézár de quatro, a babá de Cézár, Cristiana de vinte e seis anos, a prima de Valter, Mariana de trinta e três anos, a filha de Mariana, Leila de dois anos e Marta de vinte e um anos que é irmã de Mariana, portanto prima de Valter. Como podemos perceber, a organização da família de Carolina se dá de forma mais particular pois, em vez do esperado habitualmente, no que se refere aos parentes consangüíneos, dá se através de uma rede de relações de afinidade entre ela e os parentes de seu marido. Sem que neste universo estejam, portanto e da mesma forma, pessoas de sua “própria” família, como se costuma chamar e considerar entre nós.

Esta diversidade quanto aos arranjos de família também pode implicar numa diversidade de formas de sentir as relações e de construir o “outro”. Numa tentativa de dar conta deste processo, procuramos falar e ouvir mulheres de diferentes posições no grupo doméstico.

Dona Raquel, uma senhora de 79 anos, contou sobre sua infância, adolescência e relação com os filhos e netos com uma riqueza de detalhes. Um dos elementos que ela fez questão de ressaltar foi que teve duas filhas, em diferentes momentos da vida e que “criou”, como ela mesma falou, “um menino que me deram”. Comparando o tempo em que cuidou de seus filhos com os dias de hoje, disse que os jovens de hoje em dia têm muita liberdade, o que não deveria acontecer, porque os pais têm que ter autoridade. Para dona Raquel, assim como para outras mães



entrevistadas, mesmo tendo que dedicar tempo para o exercício da atividade profissional, não significa deixar o cuidado com os filhos em segundo plano. Ao contrário, as mulheres têm participação ativa no cotidiano familiar, seja no cuidado em escolher uma babá para seus filhos, programando as férias junto com as férias escolares, acompanhando a rotina escolar e/ou conhecendo os amigos, como veremos a seguir.

2 Gênero, família e socialização

Pais e mães têm reconhecida participação no processo de socialização, mas, de acordo com os relatos, é da mulher a principal responsabilidade. Vale dizer que estas responsabilidades, conforme a posição da mulher na estrutura familiar, têm um peso diferenciado. Cabe à mãe, o peso da educação, de dizer o que está certo ou errado, às avós, o cuidado é mais com brincadeira, pelo menos é assim que se espera. Em estudo referencial sobre camadas médias urbanas, Lins de Barros (1987) faz uma análise da participação das avós na criação dos netos, compondo um variado painel de configurações de família nessas camadas. Ademais, em estudo comparativo entre França e Brasil, Peixoto (2000) salienta essa participação das avós, o que já tem sido registrado entre nós, para a realidade belemense, tanto para os grupos populares como para as camadas médias (LAGO, 2002; ESTUMANO, 2003; MOTTA-MAUÉS, 2004).

Como dito antes, há a necessidade de afirmação da autoridade e poder dentro de casa, e que autoridade e obediência ajudam a formar a reciprocidade nas relações de entre pais e filhos. Referindo o trabalho de Mauss (2003) sobre reciprocidade entre comunidades primitivas, afirma que na troca de presentes entre esses grupos há mais que coisas trocadas. Em seu “ensaio sobre a dádiva”, o autor argumenta que o dom (ou dádiva) é o encadeamento de três obrigações (dar, receber e retribuir), interrogando qual princípio moral regia tais transações.

A partir da reciprocidade estudada por Mauss (2003), observamos que as relações na família e a organização de seu universo simbólico também se organizam por trocas. De acordo com os relatos, a reciprocidade ajuda a organizar as pessoas pela geração e pelo gênero e dá para se ter um registro das expectativas com relação às idades da vida. Queremos chamar atenção que a questão da autoridade, hierarquia e respeito (que organizam as relações entre homens, mulheres e crianças), acentuados como os valores entre os grupos populares por Fonseca (1995) e Sarti (1996), também são enfatizados entre as camadas médias em Belém. A organização dos valores no cotidiano pode ser visto quando elas falam que na infância seus pais e/ou familiares, mesmo ocupados com o trabalho, tiveram a preocupação de acompanhar e orientar o que é certo e errado.



Sobre isso, importa destacar que homens e mulheres aparecem como sendo os mais responsáveis pelo processo. Antonia e Maiara frisaram que a responsabilidade deve ser do pai e da mãe, mas que na prática não é bem assim que acontece, uma vez que as tarefas diárias de cuidados com crianças e adolescentes (que pode envolver, por exemplo, ir a festas da escola, conhecer os amigos, conversar sobre o que está acontecendo) acabam sendo de responsabilidade da mulher.

É assim que a socialização acontece a partir de uma troca entre pais e filhos, mas a mulher acaba assumindo a maior responsabilidade. A elas cabe a tarefa de orientar, conversar, conhecer amigos, brigar, e aos filhos o exercício da obediência, respeito, cumprir as tarefas da escola, ser carinhoso para com os pais. A obediência dos filhos é fator importante na hora da construção das regras em casa. Mas há outros fatores que contribuem para isso, como a questão de ensinar a eles como devem fazer, o que acontece não apenas com palavras, mas também com exemplos, como disse Antonia.

As mães falam que querem saber com quem os filhos andam, relatam colegas de que gostam ou não, que não é “boa companhia”; mas, considerando a percepção dos filhos sobre a questão, eles não falam tudo para os pais, pois sentem que não é tudo que pode ser exposto, considerando a possível reação do pai e da mãe dependendo do que tenha acontecido.

Pelo exposto, a vida familiar extrapola o espaço doméstico. O contexto (ou espaço cultural) em que a família está inserida não pode ser pensada, nem tomada, como uma entidade fixa. O desafio que se coloca é o de pensar como as pessoas dão sentido à família e vivenciam estratégias, negociações, arranjos, diálogos. Os estudos de família enfatizam estrutura e organização, assim como família enquanto valor ou significados, representações. Para Machado (2001), o desafio é interpretar a articulação dessas duas dimensões, indicando pluralidades e singularidades de vivência do vínculo familiar.

À guisa de conclusão

Diante do encaminhamento dado ao tema, nosso objetivo consistiu no estudo substancial e na construção etnográfica, com a densidade exigida, do cotidiano das atividades familiares, mais especificamente no tocante à participação das mulheres na socialização. Tomar o processo de socialização, portanto, não consistiu apenas em estudar as competências dos papéis sociais ensinadas aos mais novos, mas como os significados e expectativas com relação à vida em família são construídos.

Partindo do depoimento de mães de diferentes idades e contemplando o que ensinam e



aprendem e como esses critérios são atualizados ao longo do tempo, as falas destacam elementos como hierarquia, paciência, orientação, obediência, controle, resistências e, principalmente, necessidade de respeitar o espaço do “outro”, sendo as mães apontadas como as pessoas de maior participação e responsabilidade no processo. Os resultados têm mostrado que as pessoas recriam essas regras ao longo do tempo, tendo como principais critérios as categorias gênero e geração.

Referências:

- CÂNDIDO, Antonio. *The Brazilian Family*. In: SMITH, Lynn; MERCHANT, Alexander (ed.). **Brazil, portrait of half continent**. New York: The Driden Press, 1951.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Colcha de Retalhos – estudos sobre a família no Brasil**. 3ª edição. Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1994. PP. 15-42.
- ESTUMANO, Evanildo. **Uma vida, duas vidas, muitas vidas: diferenciações de gênero no cotidiano familiar e profissional de camadas médias urbanas**. Belém: UFPA, 2003. 84 fls. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).
- FONSECA, Cláudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal**. 21ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LAGO, Syane de Paula Costa. **Namoro pra casar, namoro pra escolher (com quem casar)**. Belém: UFPA, 2002 122fls. (Dissertação de Mestrado em Antropologia).
- LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade & Afeto – avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil**. Série Antropologia, UnB, 2001, p. 01-16. Disponível em: www.unb.br/ics/dan/Serie291empdf.pdf. Acesso em: 03 Jun 2008.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Casac Naify, 2003. p. 185-314.
- MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. Na “casa da mãe” / na “casa do pai”: Anotações de uma antropóloga & avó sobre a “circulação” de crianças. **Revista de Antropologia**, USP, São Paulo, 2004, v. 47, nº 2, p. 428-452.
- PEIXOTO, Clarice Ehlers. Avós e netos na França e no Brasil: a individualização das transmissões afetivas e materiais. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François; CICHELLI, Vincenzo (org.). **Família e Individualização**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. PP. 95-111.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas / SP: Autores Associados, 1996.